



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

MANUELLA ALVES NEVES

**NEGRITUDE E BRANQUITUDE EM TEXTOS
ACADÊMICOS: UMA ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA**

SÃO JOÃO DEL-REI - MG

2022

MANUELLA ALVES NEVES

**NEGRITUDE E BRANQUITUDE EM TEXTOS
ACADÊMICOS: UMA ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de São João del-Rei, como parte das exigências do curso de Letras, para a obtenção do título de licenciada.

Orientador: Prof. Dra. Nádya Dolores Fernandes Biavati

SÃO JOÃO DEL-REI - MG

2022

Não acho que tenhamos outra
alternativa senão permanecer otimistas. O
otimismo é uma necessidade absoluta.

Angela Davis

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo e à prof. Dra. Nádia Dolores Fernandes Biavati, pela orientação durante todo meu ciclo acadêmico. Por me introduzirem as maravilhas da Linguística, como uma potência de ressignificar o mundo através da linguagem.

À minha família, que sempre foi meu suporte, minha irmã Ariane, meu cunhado Matheus, meu pai Wagner, e minha mãe Keila, que nunca mediram esforços para me incentivarem na construção dos meus saberes.

Às minhas amigas de curso, que tornaram meus dias mais leves e os preencheram com risadas sinceras, carrego comigo todo o conhecimento que construímos também longe dos muros da UFSJ.

Ao meu amigo Thales, que presenciou todas as minhas mudanças, e nos tornamos mais próximos em cada uma delas.

À Luz que aquece meu coração.

RESUMO

Esta pesquisa foi feita a partir do viés teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso de Chouliaraki e Fairclough (2001), com fundamentos da Linguística de Corpus para a análise de um *corpus de pequena dimensão* (SINCLAIR, 2001), construído a partir do uso dos itens *negritude* e *branquitude*. A análise dos itens se deu com o *corpus* coletado via Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, e é constituído por artigos científicos com a temática racial. Através disso, essa pesquisa visa averiguar o construto conceitual em torno dos itens, partindo de três níveis: textual, discursivo e social - dentro da visão acadêmica - como forma de investigar os critérios de conceituação deles. E a partir dessa análise e conceituação, tecer uma crítica sociocultural das relações raciais no Brasil, percebendo seus entraves, para alcançar uma democracia racial plena. Como resultado, foi possível identificar que a concepção de branquitude carrega acúmulo de privilégios de um grupo em relação a outro - negritude. Nesse ponto, o grupo invisibilizado insiste em sua afirmação para conseguir finalmente uma democracia racial. Para isso, os estudos no campo das relações raciais têm ganhado espaço, e suas práticas discursivas podem auxiliar na desconstrução de ideologias naturalizadas por grupos hegemônico, percebendo que o construto da *negritude* e a percepção da *branquitude* podem ser a chave para a superação dos entraves raciais do Brasil¹.

Palavras-chave: Negritude. Branquitude. Análise Crítica do Discurso. Linguística de Corpus.

¹ O presente trabalho de Conclusão de Curso foi adaptado da pesquisa “Negritude e Branquitude: Impasses e perspectivas conceituais”, orientada pelo professor Cláudio Marcio do Carmo, a quem agradecemos imensamente pela orientação e formação. A pesquisa é oriunda do Edital 004/2021/PROPE, financiada pelo PIBIC/CNPq, agência a quem agradecemos pelo financiamento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO NA DESNATURALIZAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS.....	5
1.1 A LINGUÍSTICA DE CORPUS COMO SUPORTE DA ACD	6
2. AS RELAÇÕES RACIAIS A PARTIR DOS ITENS DE ANÁLISE	7
3. METODOLOGIA E CORPUS DE PESQUISA	8
3.1 ARTIGOS CIENTÍFICOS COMO OBJETO DE ESTUDO.....	9
4. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EM PRÁTICA.....	12
4.1 ANÁLISE DE DADOS NA DIMENSÃO TEXTUAL	12
4.2 PRÁTICAS DISCURSIVAS ENQUANTO CONSTITUINTES DE SIGNIFICAÇÃO	14
4.3 O DISCURSO ENQUANTO AGENTE TRANSFORMADOR DE PRÁTICAS SOCIAIS	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

INTRODUÇÃO

As relações raciais em um contexto nacional constituem um campo de pesquisa que tem sido bastante explorado, visto que o Brasil tem em seu território 54% da população declarado negra, segundo o IBGE (2016). Apesar do crescente interesse em estudos das questões raciais, a luta histórica e contínua contra o racismo ainda é estigmatizada pela camada dominante que assentou seus discursos em uma falsa sensação de democracia racial. Vale ressaltar que a autodeclaração de etnia é uma construção de identidade individual, a qual Munanga (2012) entende como a construção do ser e significação de sua existência.

Nesse sentido, nossa questão é acerca dos discursos que perpassam essas estruturas sociais, de relações entre brancos e negros, a partir das relações lexicais dos itens *negritude* e *branquitude* que podem nos dar acesso à sua *ecologia linguística* (cf. KENNEDY, 1998). Partimos da percepção da linguagem, segundo a Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001), em perspectiva com a Linguística de Corpus, para levantamento quantitativo de dados. Interessa-nos investigar o uso do discurso para sustentar estruturas sociais que reforçam padrões pré-estabelecidos e que histórico-socialmente se naturalizam.

Parte-se, portanto, da ideia de que precisamos tentar elucidar aspectos subjacentes desses conceitos, partindo do pressuposto de que há mecanismos de manutenção dos pensamentos, das crenças, das ideologias e dos valores coloniais que ajudam na construção e fortalecimento das diferenças produtoras das identidades grupais e das assimetrias sociais como chispas de fogo indicativas da fragilidade da democracia brasileira (GLUCKSMANN, 2007; CARMO, 2016).

Para tanto, a metodologia utilizada em nossa pesquisa se dá pela linha teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001) considerando sua análise tridimensional, para a checagem da relação de dominação baseada no consentimento que envolve a naturalização de práticas sociais na estruturação de textos em suas relações lexicais. E com algumas ferramentas para levantamento e organização de dados fornecidas pela Linguística de Corpus no que tange às relações lexicais construídas com e a partir dos itens *negritude* e *branquitude*, tecer uma crítica social quanto à produção, distribuição e consumo de textos que contribui na constituição de identidades sociais que circundam o universo da relação entre brancos e negros no contexto brasileiro.

1. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO NA DESNATURALIZAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS

Nesse seguimento da pesquisa, serão apresentados os fundamentos teóricos nos quais nós nos apoiamos, sendo eles a Análise Crítica do Discurso na análise tridimensional proposta por Fairclough (2001), com o suporte de ferramentas metodológicas da Linguística de Corpus, visando investigar um *corpus de pequena dimensão* (SINCLAIR, 2001), o que foi proposto e explicitado por Magalhães (2004).

Em primeiro momento, Norman Fairclough, linguista e pesquisador da Universidade de Lancaster, propõe um modelo teórico-metodológico tridimensional a que nomeia Análise Crítica do Discurso (ACD). Essa abordagem tridimensional de análise enfoca o social, o situacional e o institucional (FAIRCLOUGH, 2001), fazendo uso de conceitos e categorias da gramática sistêmico-funcional de Halliday (1985) para analisar texto, interação e ação social.

Na obra *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001, p. 90-91) toma um momento para estabelecer sua concepção de discurso, e considerar a linguagem como uma prática social. O autor observa que o discurso e a prática social de grupos privilegiados acabam por tornar-se naturalizados. E estabelece que discurso e práticas sociais são um o produto do outro, em que o autor propõe discurso enquanto ação, não apenas uma representação como também significação do mundo, construção de sentidos em significados. Podemos compreender assim que os discursos são justificados nos movimentos sociais, e também parte modificadora deles. A ACD é então um modelo teórico-metodológico que pretende operar a mudança nas relações sociais de poder e dominação, uma vez que é uma área da investigação que necessita de um olhar essencialmente crítico para produzir suas análises. O linguista aponta uma relação dialética entre a linguagem e as estruturas sociais, em que uma reforça a outra. Se por um lado os discursos repetem representações constituindo identidades sociais, por outro, as estruturas sociais se reforçam nesses discursos até sua naturalização nas práticas, consolidando o lugar de poder de grupos sociais.

Oriunda da chamada Linguística Crítica (cf. FOWLER et al. 1979), o diferencial entre o trabalho feito pelos linguistas críticos e a proposta de trabalho de Fairclough consiste no fato de este último propor uma teoria social do discurso, que vai além do domínio ideológico, refletindo sobre a produção, a distribuição e o consumo dos textos, com o objetivo de estudar a linguagem enquanto fenômeno social, ou seja, como prática discursiva e prática social. No seu modelo de análise tridimensional, Fairclough (2001) propõe uma categoria de análise em

dimensão textual, na dimensão das práticas discursiva e também na dimensão das práticas sociais. Dessa forma cria-se uma teoria social do discurso que estuda a linguagem enquanto fenômeno social interligando a prática discursiva e a prática social, e viabiliza a análise de qualquer discurso na qual essa teoria metodológica se aplique.

É uma tentativa de reunir três tradições analíticas, cada uma das quais é indispensável na análise de discurso. Essas são a tradição de análise textual e linguística detalhada na Linguística, a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microssociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100).

Na sua dimensão textual, é observado um nível linguístico - a estrutura textual, gramática, vocabulário - verificando sua forma e significado. Dentro da dimensão do discurso, é observado o processo da linguagem, sua produção, distribuição e consumo, bem como sua reprodução e poder de transformação, investigando qual a relação social motivada pelo texto. E por último, na dimensão social, Fairclough (2001) compreende o discurso na relação entre ideologia e hegemonia, que subsidiam as conjunturas institucionais em que o discurso é concebido, e nesse discurso, através dessas concepções, se evidencia uma relação de dominação.

1.1 A LINGUÍSTICA DE CORPUS COMO SUPORTE DA ACD

A Linguística de Corpus, por sua vez, aborda o estudo da linguagem por meio de corpora, uma coletânea de dados acerca de um assunto, e dentro do trabalho apresenta fundamental importância para suprir nossa análise em comunhão com a ACD. Nesse cenário, é importante ressaltar a presença de John Sinclair (1933-2007), como um dos maiores influenciadores da Linguística de Corpus. Ele destaca que uma palavra por si só não carrega significado, mas esse significado é muitas vezes feito através de várias palavras em uma sequência (SINCLAIR *apud* BENNETT, 2010, tradução nossa)². Desse modo, a Linguística de Corpus assume um caráter metodológico que explora a linguagem de forma empírica extraindo informações como padrões lexicais via computacional.

Portanto, partimos de um trabalho investigativo com um *corpus de pequena dimensão* (SINCLAIR, 2001), que possibilita uma intervenção agilizada de corpora, subsidiado por

² No original: Sinclair detected that a word in and of itself does not carry meaning, but that meaning is often made through several words in a sequence. Conteúdo original disponível em: <http://www.press.umich.edu/titleDetailDesc.do?id=371534/>

ferramentas fornecidas pela Linguística de Corpus que torna possível quantificar padrões da língua. E para efetuar essa investigação, tomamos o auxílio do programa *AntConc* (ANTHONY, 2014), um software de fácil manuseio, para contagem de palavras e *ngrams* – sequência de palavras coletada no *corpus* – de textos. Através desses padrões, podemos identificar possíveis relações entre traços linguísticos e o uso da linguagem em contextos situacionais. Esses traços linguísticos, por sua vez, nos auxiliam na constituição de uma análise dentro da perspectiva da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001) no que tange à percepção do discurso ligado às práticas sociais.

Desse modo temos uma análise que corrobora dois vieses de investigação, em que coleta as informações linguísticas com o suporte do *AntConc*³, para averiguar os padrões lexicais fornecidos pelos textos selecionados, e posteriormente uma investigação por meio da ACD, para tentar compreender o caráter ideológico das relações raciais no corpus de análise. Em concordância com Fairclough (2001), para o qual o discurso é concebido como modo de ação, e relacionando com nossa pesquisa, em um recorte das relações raciais, podemos sondar alguns aspectos nos quais a construção do discurso tende a excluir uma camada social em razão da valorização de um grupo hegemônico. Nos possibilitando arquitetar críticas a partir dos possíveis resultados de análise. Para isso, buscamos compreender como se organizam essas relações, por meio da conceituação de *negritude* e *branquitude*, que nos orienta para uma perspectiva de análise do discurso dominante, o qual consideramos um possível pilar estrutural dos problemas raciais no Brasil.

2. AS RELAÇÕES RACIAIS A PARTIR DOS ITENS DE ANÁLISE

Levando em consideração tudo que foi exposto acerca da teoria-metodológica supracitada, é válido abrir um espaço para as definições pré-estabelecidas do conceito que envolve os itens *negritude* e *branquitude* a serem analisados nas próximas seções. Sendo assim, compreende-se por *negritude*⁴, de acordo com o dicionário Priberam: 1) qualidade ou condição do negro; 2) Corrente cultural, ideológica ou política que defende a valorização da cultura dos negros. Para incorporar nosso material de pesquisa acerca da conceituação do item, ainda

⁴ "negritude", in Dicionário **Priberam** da Língua Portuguesa, 2008-2022. Acesso em: [negritude - Dicionário Online Priberam de Português](#).

acrescentamos a definição proposta pela presidente nacional do Instituto Afro Origem, em que ela reafirma os dois vieses estabelecidos pelo dicionário, e completa com:

Caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana”. (SANTOS, 2021)⁵.

O item *branquitude*, de acordo com a definição do site Dicionário Informal (BRANQUITUDE, 2017)⁶, se trata de um acúmulo de privilégios simbólicos e subjetivo sobre o qual a identidade branca se constrói, e que colaboram para construção social e reprodução de preconceito racial. Ainda dentro das vantagens na qual a identidade branca se constrói, Munanga (2004) afirma:

Assim, os indivíduos da raça “branca” foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas(...) que, segundo pensavam, os tornavam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos e etc. E conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra, mais escura de todas(...) (MUNANGA, 2004, p. 21).

Com isso percebemos que a *branquitude* é um lugar de privilégios acumulados, de forma histórico-cultural, onde acontece a naturalização e também a institucionalização desses privilégios, situação que contrasta com a opressão à negritude, tratada como minoria não privilegiada. Esse processo pode ser explicado como uma das faces das práticas sociais do discurso (FAIRCLOUGH, 2001), em que a naturalização de discursos é utilizada como um meio de engessar as relações de domínio. Em contrapartida, o movimento negro busca seu lugar de protagonismo em uma sociedade que continuamente tem suas raízes históricas apagadas através da intolerância e do afastamento cultural. Isso porque “trazem à tona o problema da violência, do preconceito e da discriminação, que acontece por uma suposta ‘normalidade’ e ‘superioridade’ entre grupos no interior da sociedade.” (CARMO, 2016, p. 6).

3. METODOLOGIA E CORPUS DE PESQUISA

Para a realização da pesquisa, dentro da proposta metodológica citada na seção anterior, foi selecionado um *corpus* – coletado por meio das ferramentas de busca Google Acadêmico e

⁵ Artigo disponível no site “Negritude Socialista Brasileira”. Acesso em: [Movimento da Negritude: Uma Breve Reconstrução Histórica. - Negritude Socialista.](#)

⁶ “branquitude”, in Dicionário Informal, São Paulo, 2017. Disponível em: [Significado de branquitude: A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, isto é... \(dicionarioinformal.com.br\).](#)

Periódicos da CAPES – de dez artigos científicos sobre a temática racial brasileira em que concomitantemente os nódulos da pesquisa apareçam. Dado o nosso objeto de análise, partimos das conceituações que envolvem os nódulos *negritude* e *branquitude*, bem como suas relações com as temáticas gerais dos artigos. Visto que o *corpus* escolhido tem a funcionalidade de divulgar resultados de investigações sobre áreas do conhecimento específico dentro da temática racial.

A *posteriori*, aplicamos a análise tridimensional de Fairclough (2001) para explorar criticamente as relações tecidas no texto sobre os conceitos que cercam a discussão racial, bem como a conceituação do “ser negro” e “ser branco”, levando em consideração o conhecimento sobre o Brasil ser um país plural e de perceptível mestiçagem (MUNANGA, 2012). E, desse modo, encontrar caminhos para constituir uma crítica sociocultural que problematize a falsa noção de democracia racial plena, averiguando as noções ideológicas raciais encontradas nos muros hegemônicos, para assim encontrar maneiras de superar esses obstáculos.

3.1 ARTIGOS CIENTÍFICOS COMO OBJETO DE ESTUDO

Em razão da escolha do corpus, artigos científicos com viés racial, é importante destacar que houve um aumento de pesquisas em torno dessa temática. Podemos fazer uma comparação quantitativa entre as 5 publicações dessas pesquisas em 1999 em relações às 147 publicações em 2018, que indica o aumento dos estudos nessa área. Com isso, vemos uma crescente preocupação da academia, voltada para o problema racial do Brasil, com destaque para a problemática do racismo. Ainda podemos especular que esse aumento tenha ocorrido em função do surgimento das políticas afirmativas, que motivam a população negra na educação continuada, e à lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história afro-brasileira e africana dentro das salas de aula. Acreditamos que a ampliação de negros ocupando centros acadêmicos movimenta a circulação de pesquisas que envolvam essa temática, que nessa pesquisa tomamos como nosso objeto de análise esses trabalhos, para verificar seus possíveis impactos nas relações raciais no Brasil.

Ao conceituar a presença de vozes plurais em seio nacional, Munanga (2012) propõe três tendências multiculturalistas que podem criar conceitos de nacionalismos gerando conflitos e violências. Ele destaca que no Brasil não se busca separação étnica, mas a inclusão de suas diferenças na história e no processo educacional, o que acarreta no apagamento cultural, social e político desse grupo. Nesse sentido, nossa análise considera que os autores do corpus

investigado corroboram com a concepção de valorização da negritude, no que tange à exploração das diferenças desse grupo étnico. Ou seja, vale não mais seguir modelos de nacionalismo que apaguem uma cultura com uma falsa sensação de inclusão, mas protagoniza esse grupo social marcando suas diferenças. E que para além de evidenciar os negros fora de um agrupamento de inviabilização, expõe uma branquitude de privilégios, evidenciando o apagamento do primeiro em relação à exaltação cultural do segundo.

QUADRO 1: TÍTULO E AUTORIA DOS ARTIGOS ACADÊMICOS ANALISADOS

	Título	Autoria
TEXT0 1	Negritude e identidade negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso	Kabengele Munanga - 2012
TEXT0 2	Da negritude ao branqueamento: como a mídia gera e mantém formas de apagamento de uma raça	Anna Alleska Silva Santos Thalita Carla de Lima Melo - 2022
TEXT0 3	Representações de negritude e de branquitude na produção audiovisual Dear White People: Tensões e negociações entre identidade e raça	Sátira Pereira Machado Roseane Rosa Liliane Dutra Brignol - 2019
TEXT0 4	O poder das palavras: relações de alteridade no seio do povo brasileiro, entre branquitude e negritude	Liz Feré - 2018
TEXT0 5	Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil	Luciane Rodrigues - 2021
TEXT0 6	Pele negra/máscaras brancas: a sustentabilidade performativa da branquitude (com desculpas a Frantz Fanon)	Bryant Keith Alexander - 2021
TEXT0 7	Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco	Camila Moreira de Jesus - 2012
TEXT0 8	Classificação racial numa CASE: reflexões sobre negritude, mestiçagem e branquitude	Jalusa Silva de Arruda Otto Vinicius Agra Figueiredo - 2020
TEXT0 9	O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude	Danubia de Andrade Fernandes -2016

TEXTO 10	Por Uma Indignação Antirracista e Diaspórica: Negritude e Afrobrasilidade Em Tempos De Incertezas	Nilma Gomes - 2018
----------	---	--------------------

É observando os critérios de construção textual que foram pré-selecionados os textos de análise, que uma vez encontrados, foram formatados de modo a ser submetido ao software *AntConc*⁷, desenvolvido pelo professor Laurence Anthony (2014). O programa foi essencial para a busca de dados acerca dos nódulos de pesquisa, uma vez que nos permite trabalhar com todos os textos de uma só vez. Desse modo, facilitou a coleta de informação e vocábulos que seguem os itens lexicais *negritude* e *branquitude*, como a verificação de sua frequência, padrões e organizações estabelecidos. Esses meios de pesquisa integram ao que percorremos anteriormente como uma das ferramentas que podem ser fornecidas pela Linguística de *Corpus*, que de forma empírica nos possibilita a encontrar esses padrões evidenciados pelo programa *AntConc*.

Para o manuseio do programa, é necessário adicionar os arquivos que compõem o corpus, para que seja possível a contagem a partir das ferramentas escolhidas. Em nossa pesquisa foram utilizadas as ferramentas *WordList*, para visualização das palavras mais frequentes do corpus, *Cluster/ Ngram*, que nos permite verificar os agrupamentos dos itens *negritude* e *branquitude* mais frequentes. Essas ferramentas podem ser configuradas de acordo com a análise necessária, dessa forma utilizamos uma configuração de três elementos para os agrupamentos, e partir deles fazer considerações relevantes para nossa pesquisa.

De acordo com o que foi exposto nessa seção, tendo em vista a motivação do corpus a ser analisado em comunhão com os fundamentos teórico-metodológicos também já expostos nesta e nas seções anteriores, nossa análise seguiu a seguinte sequência: a) busca e coleta de artigos científicos com a temática racial em que os nódulos de pesquisas aparecessem: essa coleta foi feita a partir do Periódico da CAPES e posteriormente pelo Google Acadêmico; b) formatação de textos e configuração para o software *AntConc* de maneira que atendesse nossa demanda de análise; c) checagem dos nódulos *negritude* e *branquitude* e sua regularidade nos textos através do *wordlist*; d) checagem dos nódulos *negritude* e *branquitude* e seus

⁷ O site oficial do software *AntConc* destaca que se trata de uma “ferramenta gratuita de múltiplas plataformas para pesquisas no âmbito da linguística de corpus e aprendizado direcionado por dados”.

agrupamentos lexicais; e) investigação em torno do *corpus* em suas dimensões, textuais, discursivas e institucionais.

4. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EM PRÁTICA

4.1 ANÁLISE DE DADOS NA DIMENSÃO TEXTUAL

Para essa seção em que entramos no campo de análise do nosso *corpus*, todos os dez textos foram selecionados em conjunto para o manuseio do *AntConc*, onde se constatou um total de 82.640 palavras em que o item *negritude* assume uma frequência de 207 vezes representado 0.25% do total, e o item lexical *branquitude* se repete 431 vezes e por sua vez representa 0.53% do total do corpus. Essa coleta surpreende na questão da frequência dos dois itens, pois apesar de o item *negritude* aparecer no título em oito dos dez artigos selecionados, sua presença no texto acontece em uma porcentagem consideravelmente menor que o nódulo *branquitude*, o qual aparece em cinco dos dez títulos selecionados. Contudo, na listagem de palavras mais frequentes, considerando apenas os itens que carregam marcas temáticas raciais, a frequência com que elas apareceram foi: *negra* – e suas derivações, como *negro*, *negras* e *negros* – tiveram uma frequência total de 940 vezes, enquanto o nódulo *branca* – com variações *branco*, *brancas*, *brancos* – tiveram uma frequência de 695 vezes ao longo do corpus.

As outras palavras mais frequentes no texto indicam a pauta racial no Brasil como um objeto de constante análise, apontando para sua conceituação a partir de critérios identitários e culturais como vemos na seguinte listagem: *identidade* (227), *racial* (212), *estudos* (206), *racismo* (203), *social* (196), *brasil* (177), *mulheres* (143), *revista* (128), *sociais* (128), *poder* (122), *raça* (113), *relações* (111), *cultural* (106), *construção* (100), *movimento* (100), *performance* (99). Tomamos por conceituar identidade a partir do estudo racial feito por Munanga (2012), antropólogo com destaque em seus estudos de África e População Afro-brasileira, que define alguns conceitos de identidade como, individual, coletiva, negra. Assim ele infere que a construção de uma identidade, parte do conceito individual de adquirir um nome e sobrenome, passa por uma significação de coletividade como língua, religião, arte, sistemas políticos, economia, visão do mundo; e a identidade negra que não é uma percepção biológica, mas um construto historicamente impingido aos negros que os faz despertar para se afirmarem em uma identidade negra.

Na sequência, foram utilizadas as ferramentas *Cluster* e *Ngram* as quais tornam possível o conhecimento dos agrupamentos lexicais. Para o item *negritude*, foram verificadas as

seguintes sequências: *afirmação da negritude, negritude no Brasil, feminismo e negritude, branquitude e negritude, negritude e afrobrasileiridades, amar a negritude, performance de negritude, negritude e identidade, negritude e negritude, dilemas da negritude, representações de negritudes, negritude estereótipos mídia, a nossa negritude, e diaspórica negritude, movimento da negritude, performar a negritude, performo uma negritude, recai na negritude, reificam a negritude, negritude a unidade, negritude afro brasileira, negritude alteridade relações, negritude antirracismo light, negritude ao branqueamento, negritude brasil raízes, negritude como resistência.*

Através das ferramentas *Cluster/ Ngram* notamos uma presença de padrão lexical que reafirma a noção do item como a construção positiva do negro, de abraçar a cultura afro-brasileira como vemos repercutir duas vezes na listagem supracitada como os agrupamentos *afirmação da negritude* e *amar a negritude*. Chama atenção também, a “performance” que volta a aparecer três vezes ao longo da sequência, e com isso podemos especular algumas teorias acerca desse item: a) uma performance para a aceitabilidade das estruturas sociais dominantes, preenchendo assim papéis pré-estabelecidos para comunidade negra; b) a negritude como uma luta social a ser performada em busca de uma identidade silenciada histórico-socialmente; c) a negritude como uma performance do “ser negro”. E o que verificamos, para além dessas deduções, é a negritude em movimento; seja performando ou sendo resistência, o vocabulário apresentado nos leva para um lugar de movimentação dessa *negritude*.

Fazendo o mesmo exercício para o item lexical anterior, voltamos ao *Cluster* e *Ngram* para fazer a checagem do nóculo *branquitude*, e as sequências desse item se deram por meio de: *branquitude desmantelada, performar branquitude, performance de branquitude, branquitude com desculpas, branquitude e negritude, performam branquitude, performance da branquitude, branquitude e branqueamento, descentrar a branquitude, construída de branquitude, cultural da branquitude, branquitude acrítica, branquitude crítica, performar a branquitude, sustentar a branquitude, branquitude acumula.*

Dentro dessas sequências, observamos a recorrência que *performance* aparece nos agrupamentos: *performar branquitude, performance de branquitude, performam branquitude, performance da branquitude* e *performar a branquitude*; essa repetição é passível de algumas análises, uma vez que “como intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas)” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230). Uma das vias de análise, que se torna possível com essa repetição, é em atribuir ao corpus uma noção de que o nóculo *branquitude* desempenha um papel performático dentro

das relações sociais. Ou seja, que dentro dessa condição de “ser” na identidade branca existe um ato interpretativo englobado dentro do item, carregando seus privilégios de forma consciente ou inconsciente. Nesse ponto ainda percebemos o distanciamento entre as palavras diretamente ligadas aos itens, como “afirmação” e “desmantelada”, sendo o primeiro uma ligação positiva do construto de uma independência, e o segundo como a quebra em relação ao item branquitude, tendo seu significado atribuído a algo que já está arruinado ou destruído.

Essa relação estabelecida a partir de uma análise textual, com os dados averiguados no *AntConc*, para além do distanciamento citado, estabelece também uma correlação entre branquitude/negritude que assume uma alta frequência, ou seja, é notável que os termos apareçam por vezes em sequência. Ainda que se distanciem, eles disputam o espaço acadêmico nos possibilitando deduzir que: a) há uma discussão acadêmica sobre as diferenças de branquitude e negritude; b) a partir da relação entre afirmação/distanciamento, vemos um construto positivo/negativo academicamente entre os dois itens.

Ainda com o levantamento no *worldlist*, conferimos que a aparição de *branquitude* no corpus assume a liderança, com 431 repetições, em relação ao nóculo *negritude* que aparece 207. Contudo as variações de *negro* tem uma frequência consideravelmente maior, em suas 940 repetições, e relacionado às 635 vezes que as variações de *branco* repercutem ao longo do corpus. O que isso nos indica é uma possível preferência pelo uso de *branquitude* para generalizar o “ser branco”; e que, em contrapartida, encontramos uma variedade maior explorada na descrição textual do “ser negro”.

Seguindo a pesquisa de dados, percebe-se a contínua problematização do racismo ao averiguar a sua frequência no *Cluster* e *Ngram* em seguimentos como: “contra o racismo”, “superação do racismo”, “combate ao racismo” e “persistência do racismo”. E se averigua que 7,88% das vezes que o racismo é citado, é falado sobre suas categorias: *racismo estrutural*, *racismo institucional*, *racismo brasileiro*, *racismo ideológico*, e 2,46% das ocorrências ligam o racismo diretamente ao item *branquitude*.

4.2 PRÁTICAS DISCURSIVAS ENQUANTO CONSTITUINTES DE SIGNIFICAÇÃO

Nessa seção vamos investigar nosso corpus dentro das suas práticas discursivas (FAIRCLOUGH, 2001). Dessa forma, vamos traçar um raciocínio de como esse corpus se reproduz socialmente, a partir da sua constituição, distribuição e consumo. Com isso, é

importante ressaltar alguns dados referentes à produção desse corpus, como o tempo das publicações e também as autorias, para investigar possíveis relações com nossa análise, e a compreensão do contexto de produção do corpus.

Assim, ressaltamos que a escolha do *corpus* se deu de modo aleatório, utilizando os recursos do Google Acadêmico e Periódicos da CAPES para a seleção. Sobre o período de produção, averiguamos que as publicações foram respectivamente nos anos de: 2012, 2016, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022; encontrando maior recorrência de publicação nos quatro últimos anos, o que indica um aumento considerável de pesquisas dentro da temática racial. Sobre a sua produção, averiguamos que dois foram publicados em revistas com temática racial, oito publicados em revistas de veiculação sobre política social, e todos eles estão disponíveis em periódicos virtuais. Ao todo, o *corpus* é composto por quatorze pesquisadores, sendo eles onze mulheres e três homens, todos os homens são negros, enquanto das onze mulheres, cinco são negras, quatro brancas e as outras duas não foi possível identificar a raça.

QUADRO 2: IDENTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS EM RELAÇÃO À PUBLICAÇÃO, AUTORIA E RAÇA.

Título	Publicação/Ano	Autoria	Raça
Negritude e identidade negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso	Revista da ABPN -2012	Kabengele Munanga	Negro
Da negritude ao branqueamento: como a mídia gera e mantém formas de apagamento de uma raça	Caderno de graduação - 2022	Anna Alleska Silva Santos	Não identificado
		Thalita Carla de Lima Melo	Branca
Representações de negritude e de branquitude na produção audiovisual dear white people: Tensões e negociações entre identidade e raça	Contratempo Brazilian Journal of Communication – 2019	Sátira Pereira Machado	Negra
		Roseane Rosa	Branca
		Liliane Dutra Brignol	Branca
O poder das palavras: relações de alteridade no seio do povo brasileiro, entre branquitude e negritude	Letrônica - 2018	Liz Feré	Branca
Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil	Revista Estudos Feministas - 2021	Luciane Rodrigues	Negra

Pele negra/máscaras brancas: a sustentabilidade performativa da branquitude (com desculpas a Frantz Fanon)	Revista Lationoamericana – 2021	Bryant Keith Alexander	Negro
Branquitude x branquidade: Uma análise conceitual do ser branco	III Encontro baiano de estudos em cultura - 2012	Camila Moreira de Jesus	Negra
Classificação racial numa CASE: reflexões sobre negritude, mestiçagem e branquitude	Argumentum – 2020	Jalusa Silva de Arruda	Negra
		Otto Vinicius Agra Figueiredo	Negro
O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude	Estudos Feministas - 2016	Danubia de Andrade Fernandes	Não identificado
Por Uma Indignação Antirracista e Diaspórica: Negritude e Afrobrasilidade Em Tempos De Incertezas	Revista da ABPN – 2018	Nilma Gomes	Negra

Levamos em consideração que a internet é um propagador de notícias instantâneo, onde todo o *corpus* coletado está em exibição, em revistas ligadas a centros acadêmicos e exposto de forma gratuita na internet. Contudo, é perceptível que o público alvo desse *corpus* tende a ser pessoas que se engajem socialmente para recorrer a esses veículos de comunicação. E ainda podemos acrescentar a falta de aderência de homens brancos produtores de textos com temática racial, podendo ser este um possível reflexo também do interesse desse mesmo público – homens brancos – em consumir esse tipo de estudo. No entanto, o que se evidencia de acordo com essa produção é a presença forte de grupos minorizados, ou seja, pessoas com baixa representatividade em espaços de influência. Nesse sentido entendemos que pesquisas ou assuntos como temática racial ainda é atribuído a nichos sociais, voltando-se apenas às minorias atingidas ou que se articulam socialmente.

As vozes no *corpus* se preocupam em ressaltar pesquisas feitas acerca das condições de *negritude* e *branquitude*, em que alguns evidenciam a problemática do racismo, e outros a posição do branco frente ao racismo, como também as consequências do racismo em seus diferentes âmbitos como histórico, cultural, estrutural e institucional. O *corpus* escolhido é enviesado para a ciências sociais, uma vez que se trata de artigos científicos, ou seja, os escritores têm a intenção de expor a razão de seu estudo, levantando um objeto de análise que vise a uma mudança social. Assim, são vozes ativas no meio social e buscam a mudança por

via do conhecimento científico, e assim seus textos exigem uma estética organizacional pré-dispostas com um viés fundamentado em alguma perspectiva teórica de análise. Nesse sentido, estabelece-se um critério de solidez na sua prática discursiva no que tange à *negritude* no corpus. E vemos a evidência de uma luta social demarcada por um conjunto de palavras como “afirmar”, “amar”, “lutar”, visto também que os produtores desses textos apresentam um grau de escolaridade mais avançado, que tendem a ser pesquisadores das áreas nas quais produzem esse formato de artigo.

Levantamos a atenção para o que já foi supracitado, sobre público alvo a quem esses textos são endereçados, e baseado na conceituação de Fairclough (2001, p. 108), na qual ele propõe que os textos atuam como modificadores de atitudes, ações e crenças, para destacar um possível problema que emergi na distribuição e reprodução desses artigos. Sendo assim, por mais que se trate de textos publicados gratuitamente na internet e de fácil acesso, ainda são direcionados a um público alvo que está pré-disposto a receber este conteúdo, o que pode se tornar redundante e não ter aderência em outras camadas sociais. Dentro dessa perspectiva, o corpus não consegue alcançar grupos sociais diversos, e essa tentativa de efetivar a *negritude*, para além do sentimento de afirmação, pode se tornar um discurso que perde sua potência de atuação modificadora das práticas sociais quando não ultrapassa a bolha acadêmica na qual está inserida. Ainda observamos que, essas práticas discursivas podem não atingir os afetados em razão da *negritude* não estar inserida no espaço acadêmico e, sendo assim, não tem condições de se defender das injustiças sociais a que ela está sujeita.

Os artigos acadêmicos nos favorecem ao elucidar as relações sociais a partir de uma visão academicista, em que pesquisadores exploram a temática racial visando uma mudança coletiva com argumentos embasados, e assim analisam e expõem a raiz dos problemas. Contudo, é importante destacar que essa visão academicista pode atingir um número limitado de pessoas, visto que conseguir acesso a esses estudos exige um esforço maior do que o consumo de conteúdos virais, como os conteúdos expostos em redes sociais, em que textos curtos são processados a todo segundo para uma grande massa. A exemplo, podemos comparar a fácil circulação de conteúdos que se integram em padrões de divulgação pelos celulares, ou que são postados em plataformas como Facebook e Twitter, como mensagens instantâneas que circulam na web podendo atingir uma massa variada de pessoas em larga escala. Contudo, a linguagem acadêmica não favorece a circulação em larga escala, e desse modo os estudos publicados nesses artigos assumem uma estrutura específica que apenas corroboram com um grupo que tem mais aceitabilidade entre eles, mas dificilmente perfuram essa bolha.

Constatamos então um corpus com a intencionalidade relevante no que tange às relações raciais, com informações importantes para superar esses obstáculos, mas que não foge da posição de discurso com alcance limitado em termos da capacidade de transformação efetiva. Desse modo, os artigos podem encontrar barreiras de adesão social, e seus objetivos como a afirmação positiva da negritude em comunhão à concepção de *branquitude* como agente ativo do racismo, podem não ser alcançados, ainda que sejam textos teoricamente embasados e que para além de explicar os problemas raciais também propõem possíveis soluções para sua superação.

4.3 O DISCURSO ENQUANTO AGENTE TRANSFORMADOR DE PRÁTICAS SOCIAIS

Como última dimensão de análise, estabeleceremos uma ponte entre as práticas linguísticas e discursivas, para por meio delas compreender o que Fairclough (2001) postula sobre prática social, nas quais reproduzimos ações consolidadas em dado momento e determinado espaço, e como as relações de poder entremeiam essas práticas. Portanto, esse terceiro momento é onde podemos encontrar os padrões de comportamentos sociais escritas, reproduzidas e padronizadas através de discursos. E, nesse sentido, podemos explorar na estrutura do *corpus* as ideologias que podem perpassar as estruturas da ordem do discurso, e observar quando essas estruturas são reproduzidas ou transformadoras, podendo causar impactos no meio sociocultural.

Desse modo as lutas hegemônicas se concretizam no uso real da língua, dentro da concepção da evolução das relações de poder como evolução das relações de domínio (cf. FAIRCLOUGH, 2001). Dessarte, as ideologias são representações naturalizadas de modo a sustentar nas práticas sociais, e a hegemonia cultural e social pode ser representada por discursos que reforçam o *status* e poder de um grupo que detém privilégios sem intenção de alterá-lo. Dentro dessa perspectiva, o uso do *AntConc* nos possibilita observar as relações linguísticas, e a recorrência da temática de poder interligado à temática raça. Para sua significação, partimos da visão de Fairclough (2001, p. 116) – poder e ideologia como aspecto das práticas sociais, a sua terceira dimensão de análise – para conceituar esse poder como dominação nos âmbitos políticos, culturais e econômico, que são relativamente estáveis, através da dialética entre discurso e sociedade.

Observa-se que os nódulos *branquitude* e *negritude* não operam como duas faces da mesma moeda, mas representam a mudança sistemática da condição de “ser” entre as camadas raciais do Brasil. Os itens lexicais escolhidos para a articulação dos textos evidenciam isso ao remeter à *negritude* um protagonismo crescente, na medida que expõe e critica um conjunto de privilégios na *branquitude*. O que os textos explanam, articulando-se em escolhas de palavras e formas, é uma necessidade dos estudos raciais para se chegar à matriz dos problemas raciais no Brasil, questionando a ocupação de espaços de um grupo em razão da invisibilidade de outro.

Nota-se que os itens previamente pensados para análise estabelecem uma relação estreita com os itens coletados no programa AntConc como: *identidade – racial – social – poder – relações*, apontando uma relação do “ser”, de existência, dentro do “ser” que a *branquitude* e *negritude* exercem – ou performam – nesses papéis. Nesse sentido, é exposto que o pacto da *branquitude* é um agente ativo na estruturação desigual de relação entre opressor e oprimido, tornando conveniente sua falta de participação como apoiadores de movimentos negros, e dessa forma, como apontada em nosso corpus, como protagonistas da naturalização das estruturas condicionadoras. E que a *negritude*, por sua vez, necessita de um alinhamento, para a conquista de seu espaço em um ambiente político, cultural e social, a partir de uma consciência de estruturação coletiva frente à organização que os silenciam continuamente ou que os fazem não ser ouvidos. Ressaltamos que esse alinhamento é o encontro de suas vozes frente a uma história nacional que nunca destacou a individualidade desse grupo, ou seja, parte de uma coletividade negra que se sapa de uma coletividade denominada nacional, para demarcar sua própria história apagada pelo colonialismo europeu.

Isso posto, reafirmamos que uma vez que as práticas sociais estruturam discursos, e por meio deles são estruturadas, encontramos no *corpus* rastros de questionamentos ao discurso da posição de poder quando se discutem relações raciais, conceituados no campo semântico dos dois itens em evidência em nossa análise. Entendemos que esses conflitos raciais formam um discurso sedimentado pelos grupos a quem ele privilegia, e que historicamente foram fortificando as raízes do racismo em processos como a política de branqueamento, e sua omissão a um sistema racista, visto que culturalmente o Brasil se estruturou a partir de uma falsa ilusão de democracia racial, ou “um país de todos”.

Contudo, o slogan criado pelo governo federal, ainda dentro dessa visão omissa aos conflitos raciais, não aborda a fragilidade dessas relações. Leis como as de criminalização - a Lei do Racismo nº 7.716/1989, por exemplo -, não servem de subsídio contra o preconceito que ocorre em âmbitos como o racismo estrutural e o racismo institucional, pois não é possível

superar um problema sobre o qual não há problematização. Desse modo, *o corpus* pretende fortalecer a (re)existência social dos negros, partindo de uma estrutura textual que visa questionar e, mais do que isso, almeja explorar as ambientações dos conflitos raciais no Brasil. Nesse sentido, os artigos, apesar de selecionados de modo aleatório, estabelecem uma relação de sentido ao disseminarem discursos de empoderamento de um grupo, em concordância com a conscientização ou desconstrução de outro, para de fato uma possível democratização racial.

Portanto, se averigua que o estudo do *corpus* de artigos científicos aponta para um crescimento das temáticas raciais. O recorte é específico na área científica, e pode encontrar dificuldades de adentrar as massas, contudo é coerente destacar que as lutas sociais não se restringem à academia, mas impulsiona o interesse dos seus estudos. Então, é pertinente que esses estudos cresçam na medida em que as temáticas raciais ganhem palco, na política, nas mídias e nas redes sociais, uma vez que as práticas sociais englobam todas as instâncias em que o homem se insere, modificando-o ou visando a modifica-lo.

Como se observa, a construção desses artigos visa reproduzir as ideologias questionadoras dos seus dizentes, que utilizam de um espaço acadêmico para produzir seus estudos. Dessa forma, encontramos duas estruturas de discursos que se chocam. Por um lado, temos um discurso hegemônico construído e reproduzido pertinente com a evolução das relações de poder, que visa fortificar seus tentáculos sobre qualquer demonstração de instabilidade social que se manifesta. Elucidamos esse cenário em nossa análise dentro do recorte das relações de privilégios sociais de um (branquitude) para com o outro (negritude), assumindo assim que socialmente um grupo se fortalece sobre em negligência a outro. Por outro lado, as vozes dizentes se tornam agentes ativos na construção de seus textos acadêmicos, em que estruturam sobre a perspectivas de aportes teóricos, e possibilidades de intervenções, não mais a invisibilização dessa problemática, mas o enfoque dela visando a sua superação.

QUADRO 3: COMO OS AUTORES TRABALHAM A SUPERAÇÃO DOS ENTRAVES RACIAIS.

Artigos	Pontos centrais dos artigos
TEXTO 1	O autor discute o processo de construção da identidade negra e identidade coletiva como necessidade de mobilização, uma vez que o topo da pirâmide social não questiona a necessidade de afirmar suas identidades por já ocuparem um lugar de privilégios.

TEXTTO 2	Busca evidenciar a responsabilização do branco na luta racial, uma vez que é da branquitude que surge o racismo. E apresentar a estética afro-diaspórica como forma de resistência de uma mídia racista que reforça estereótipos.
TEXTTO 3	Relaciona a produção audiovisual Dear White People com o enegrecimento brasileiro, e como a noção de raça ainda é um fato que determina as estruturas socioeconômicas. Aponta também que o racismo estrutural mostra avanços lentos nas políticas de desigualdade social. O artigo se coloca com um ampliador de reflexões que pretende impulsionar transformações nas relações humanas brasileiras.
TEXTTO 4	A autora ressalta a importância da linguagem no processo de manutenção das formas de discriminação, e que um “letramento racial” é ferramenta importante para superar uma estrutura racista.
TEXTTO 5	Desconstrução da branquitude explorando linha histórica de embranquecimento e genocídio do povo negro. Expõe a militância e a escrita como chave antirracista, trazendo nomes de exemplo como Bell Hooks e Neusa Souza.
TEXTTO 6	O autor tece críticas aos “Estudos Brancos”, colocando os pesquisadores antirracistas em uma posição de renunciar seus privilégios e minar as hierarquias raciais, e não utilizar desses estudos para uma autorreflexão como engajamento pessoal.
TEXTTO 7	Difere branquitude e branquidade, situando a branquitude como um movimento de reflexão, destacando a importância dessa separação colocando a branquitude como um passo de superação da branquidade. Dessa forma embasando os estudos da branquidade com análises as práticas sociais, para oferecer respostas aos privilégios brancos, questionando essas vantagens de forma consciente, através de uma política antirracista.
TEXTTO 8	Ressalta a importância da classificação racial nos atendimentos socioeducativos para a sistematização de dados, e os relacionando à negritude e branquitude. Implementação de políticas pedagógicas étnico-raciais em unidades de internação como CASE, em uma abordagem de raça, racismo e antirracismo.
TEXTTO 9	Expõe as lutas da mulher negra em uma busca pela igualdade de gênero e igualdade de raça, que se evidencia em uma luta contra o machismo e o

	racismo. Destaca a existência de uma barreira entre intelectuais negras e a população feminina negra, e o crescimento no feminismo negro, resultantes da política de cotas e visibilidade midiática conquistadas por artistas negras.
TEXTO 10	Aponta as incertezas que carregam as lutas raciais em uma sociedade que esconde o racismo, que vem a tona em ondas neoconservadoras. Colocando o movimento negro como peça central na luta antirracista do Estado e das universidades, e que a indignação antirracista é produzida por negros sendo sistematizadas pelo Movimento Negro, sendo uma arma para implodir as relações de poder de forma revolucionária.

QUADRO 4: A ARTICULAÇÃO DE NEGRITUDE E BRANQUITUDE NO CORPUS.

TEXTO 1	Formula uma necessidade de compreensão da identidade negra e coletiva como reivindicação de espaço, e essas identidades coletivas visam uma mudança social, ao passo que a branquitude não necessita de uma busca por identidade.
TEXTO 2	Discute as relações raciais a partir dos estereótipos disseminados pela mídia e como ela se molda no racismo estrutural, sendo então a arte da negritude uma forma de resistência.
TEXTO 3	A negritude se destaca a partir de uma análise de como ela se apresenta de formas diferentes para o Eu no audiovisual Dear White People, onde negros tentam se inserir no contexto de uma maioria sendo ela branca ou negra, em outros momentos tentam divulgar a persistência do racismo, ou questionam as contradições da mestiçagem, são facetas da negritude interpretada por cada Eu com voz ativa.
TEXTO 4	O autor coloca que a branquitude ainda é tomada por a “normalidade”, e mesmo que o movimento da negritude tenha avançado, muito ainda precisa ser feito para de fato ter um reconhecimento do espaço do negro.
TEXTO 5	A autora tece seu texto intertextualizando sempre com outras vozes, como meio de construção de um “amar” a negritude e a superação da branquitude, construindo um relato pessoal no processo de aceitação da sua própria negritude.

TEXTO 6	Aborda a branquitude e a negritude em uma condição performática, e se utiliza como exemplo, ao se colocar em uma performance de branquitude atuando como um professor negro em uma universidade, que pode ser colocado em uma condição de “agir como branco”, também se coloca nessa performance ao tecer críticas aos “Estudos Brancos” se questionando se essa é uma forma de performar negritude.
TEXTO 7	Discute branquitude, branquidade, negritude e negridade, compreendendo que esses termos são mais coerentes de acordo com as perspectivas históricas e teóricas. Também destaca que tanto a negritude quanto a branquitude caminham para a construção de uma identidade positiva, que a negritude já consolidou e a branquitude caminha em um reconhecimento através da conscientização.
TEXTO 8	A partir das análises de relatórios do CASE, pesquisas como a heterodeclaração racial impactam no atendimento socioeducativo, e como parcela majoritariamente negra dos jovens que participam desse sistema tem se reconhecido na negritude a partir de práticas pedagógicas.
TEXTO 9	Coloca a negritude como um processo de conscientização, que para a autora é um processo de “tornar-se mulher negra” que não e deve uniformizar os modos de vivenciar a negritude.
TEXTO 10	É a afirmação da negritude como necessária e urgente, dado o contexto de incerteza para resistência democrática, em que um golpe representa a perda das lutas raciais conquistadas. E que a negritude pode produzir uma articulação emancipatória que constrói saberes e movimentos de ação que motiva uma indignação antirracista e diaspórica.

Portando, identificamos ao decorrer dessa análise que a concepção de branquitude carrega acúmulo de vantagens em relação a outro, enquanto esse segundo busca sua afirmação. Ainda que já tenha avançado em alguns pontos, como o aumento visível dos trabalhos acadêmicos, bem como a inserção de pessoas negras na academia. Assim sendo, a negritude persiste na luta, como exposto em nosso *corpus*, para um ambiente não apenas de democracia racial como também antirracista. Notamos que as práticas discursivas em nossa pesquisa se tornam motivadoras para a desconstrução de ideologias, e se torna potenciais de práticas sociais que desmantela a hegemonia vigente. Por fim, concluímos que a conscientização da branquitude

como atuantes ativos nos entraves raciais no Brasil, e a fortificação da negritude como resistência de uma história de raízes escravocratas, são os pontos centrais para se discutir uma verdadeira democracia racial no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada essa exposição, vemos que as relações entre os itens *branquitude* e *negritude*, dentro do corpus, expõem que ainda é perceptível o acúmulo de privilégios de um determinado grupo em todas as instâncias sobre outro. E que essa relação hierárquica se enraizou em nosso meio social de maneira profunda, de modo que a recuperação da identidade do grupo oprimido é objeto de pesquisa continuada entre os estudiosos da área. Além disso, se evidencia com essa análise que o racismo não é uma problemática superada no contexto atual brasileiro, e que as relações raciais enfrentam entraves que não permitem o alcance de uma democracia racial plena. Podemos destacar dentre eles, a isenção de responsabilidade da *branquitude*, ao não se questionarem como chegaram a esse status de poder, e como reforçam os discursos vigentes. De forma contrária, o grupo oprimido precisa da (re)afirmação da sua *negritude*, uma vez que o racismo é um instrumento que leva esse grupo a entrar em conflitos com sua própria identidade.

A ACD de Fairclough (2001), nos possibilita adentrar as estruturas desses discursos, bem como as ideologias construídas e transportadas por uma hegemonia social. Uma vez que observamos o discurso enquanto ação profundamente enraizada nas práticas socioculturais, podemos compreender como sua disseminação desencadeia conflitos e impactam nas relações humanas em todos os seus âmbitos. Desse modo, destacamos que o enfoque dos artigos é justamente expor os conflitos raciais se sustentando contra um quadro hegemônico. Para isso, os nódulos *branquitude* e *negritude* relacionam as questões que orbitam os conflitos raciais com as necessidades específicas para que o problema possa ser enfrentado. A seleção dos nódulos em sua relação intertextual ressalta a urgência da ruptura dessa relação de domínio, influenciado por um processo de desnaturalização da ordem social vigente.

Os artigos centram a produção de um material acadêmico para, em concordância com Munanga (2012), desconstruir a memória negativa da identidade negra que foi naturalizada a partir de um ideal colonial. Com isso, deduzimos que o construto do discurso visa questionar a hierarquização dos grupos sociais em seus contextos organizacionais. A linguística de corpus, com o programa *AntConc*, nos possibilitou uma percepção das relações lexicais que são

construídas nos artigos analisados, quais termos orbitam entre *negritude* e *branquitude*, e como eles auxiliam esses itens a estruturar textos que promovem a ruptura de uma organização hegemônica.

Dentro dessa perspectiva, vale ressaltar que nossa análise se situa em um recorte acadêmico, em que a linguagem se manifesta em padrões que podem não ser reproduzidos no dia a dia social, uma vez que ainda encontramos um distanciamento da Academia para com a sociedade em geral. Isso implica que nosso corpus, ainda que seja uma organização de desnaturalização de discursos hegemônicos, enfrentam uma barreira comunicativa. Com isso, é importante ressaltar que as escolhas da linguagem dos textos não foram feitas de forma aleatória, e essa falta de aleatoriedade é parte do gênero artigo e do exercício acadêmico. Assim como sua estruturação visa uma prática de ressignificação de ideologias engessadas em relação ao “ser branco” e ao “ser negro”.

Como observado nessa análise, os conflitos raciais detêm entraves discursivos ideológicos que retardam a superação da invisibilidade da negritude. Nosso corpus propõe uma mudança sociocultural a partir da conscientização dos grupos envolvidos, compreendendo que a manutenção desse sistema não pode ser estabelecida apenas pelo empoderamento da *negritude*, mas também pelo desmantelamento da *branquitude*, de forma que os dois itens estejam alinhados dentro da perspectiva de uma possível democracia racial. No que tange a essa superação de conflitos raciais, é importante ressaltar que o *corpus* de análise condensa um conhecimento que pode promover uma ruptura ideológica, mas sua disseminação também sofre barreiras de alcance social.

Dessa forma, compreendemos que o conhecimento também precisa ser submetido a uma democratização, para que a massa social tenha acesso a essas práticas discursivas, e que as relações raciais dependem também de um olhar para o outro, diferente da omissão consecutiva à qual a identidade negra é constantemente submetida. Portanto, o construto da *negritude* e a percepção da *branquitude* podem ser a chave para a superação dos entraves raciais do Brasil, e as práticas discursivas presentes nos artigos são conhecimentos que podem auxiliar na libertação do sujeito atravessado por ideologias hegemônicas.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Laurence. **AntConc (Versão 3.5.9)** [Software de Computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. 2020. Disponível em: . Acesso em: 12 ago. 2022.
- BENNETT. Geno. **Using Corpora in the Language Learning Classroom: Corpus Linguistics for Teachers** Gena R. Bennett. Michigan ELT, 2010. Disponível em: <http://www.press.umich.edu/titleDetailDesc.do?id=371534/>. Acesso em: 12 out. 2022.
- BRANQUITUDE in **Dicionário Informal**, São Paulo, 2017. Disponível em: [Significado de branquitude: A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, isto é... \(dicionarioinformal.com.br\)](http://dicionarioinformal.com.br).
- CARMO, C. M. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 64, p. 201-223, ago. 2016.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.
- FOWLER, R. et al. **Language and control**. London, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.
- GLUCKSMANN, André. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- KENNEDY, G. **An introduction to corpus linguistics**. New York: Longman, 1998.
- MAGALHÃES, Célia M. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em um jornal brasileiro. **Linguagem em (Dis)curso (Impresso)**, Santa Catarina, v. 4, n. Especial, p. 35-60. 2004.
- MUNANGA, Kabengele. **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?**. Revista ABPN, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004.
- "NEGRITUDE", in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2022, <https://dicionario.priberam.org/negritude>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- SANTOS, Valneide. Movimento da Negritude: Uma breve reconstrução histórica. **Negritude socialista brasileira**, 2021. Disponível em: [Movimento da Negritude: Uma Breve Reconstrução Histórica. - Negritude Socialista](#). Acesso em: 14 ago. 2022.
- SINCLAIR, J. M. Preface. In: GHADESSY, M.; ROSEBERRY, A. H. R. L. **Small corpus studies and ELT: theory and practice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. VII-XV.